

## Bernardo Domingos Gonçalves Domingues

Escrever um texto de apresentação do Frei Bernardo é arriscada e estulta tarefa. Arriscada, já que as muitas facetas da personalidade do retratado não cabem em linhas que se quer sejam breves, pelo que em vez do retrato conseguido ficará apenas um esboço a que farão falta feições; estulta tarefa, pois quem não conhece o Frei Bernardo?

Ainda assim, corre-se o risco e incorre-se na estultícia, já que des-te modo pode a boca falar um pouco da abundância do coração.

Bernardo Domingues, da Ordem dos Pregadores, aponta, no *curriculum vitae* que elaborou e que, tão cingido aos factos e tão enxuto, quase oculta o percurso vital que deveria relatar, três áreas de estudos que foram determinantes para a sua formação e imprimiram carácter às suas atitudes intelectuais e à sua intervenção pedagógica, pastoral e cívica. Foram elas a filosofia, a psicopedagogia e a teologia. Licenciado em Filosofia em 1964 (Madrid), continuou a sua preparação académica em Toulouse, onde concluiu com êxito, em 1976, a preparação para doutoramento, que viria a obter, já em 1988, na Pontifícia Universidade de S. Tomás de Aquino, com a classificação máxima,



*Summa cum laude*. O tema da sua dissertação, “O mundo e Deus confrontam-se na obra de Emmanuel Mounier” traduz a preocupação dominante do Autor, se quiserem o seu *leit-motiv*, que é o de discernir na complexa trajectória do viver do mundo a marca, o sinal, o selo de Deus e assim contribuir para a reconciliação do “bicho da terra, vil e tão pequeno” com o seu amorável Criador.

Sólidos estudos de psicopedagogia constituem a segunda vertente da estrutura auto-construída pelo Frei Bernardo. Fiel à sua identidade dominicana, foi em Toulouse, na Faculdade de Ciências do Homem, que obteve o diploma, com a classificação de “Très honorable”, em 1976.

Finalmente e obviamente que não em último lugar, a Teologia. Concluído o curso de Teologia em Saint Maximin e Toulouse, é ordenado sacerdote em 1957. Nos dois anos seguintes frequenta o Colégio de Santa Maria, em Dublin, onde obtém o grau de “Lector in Sacra Theologia” e, já em Roma, é-lhe conferido o grau de Mestre (1992).

Baseado neste tripé académico e pastoral, Frei Bernardo exerce uma intensa actividade de pedagogo, escritor, pregador e agente da pastoral. Escolas secundárias, Escolas Superiores (nomeadamente de Enfermagem – nada menos de três), Institutos e, obviamente, Faculdade de Teologia da Universidade Católica, são as instituições distinguidas com a sua intervenção pedagógica, caracterizada por cuidada e sólida preparação doutrinal, agudeza do raciocínio crítico, simplicidade e comunicabilidade, a par de uma empatia com os discentes e suas circunstâncias que o tornam admirado e imensamente popular. Acompanhar o Frei Bernardo nos corredores de um dos locais onde ensina é um exercício gratificante e moroso, pois constantemente ele é detido para cumprimentar este ou aquela – e conhece-os pelo nome.

Escritor prolífico, é autor de inúmeras contribuições, algumas das quais reunidas em 45 volumes. Esta espantosa produção versa os temas predilectos da sua intervenção doutrinal: a pessoa humana, nas suas limitações, angústias e redenção; a inserção na comunidade; as questões da bioética; a família e o amor; a pessoa livre e responsável, solidária e comunicativa, que vive, morre e ressuscita. Os seus textos são concisos (com acerto intitulou cinco volumes de “Breves escritos”), disciplinados, claros e argumentativamente muito bem construídos. A escrita é elegante e apurada, sem barroquismos ou pretensões literárias, eminentemente legível. Pela brevidade e impacte, e tendo em atenção a sua íntima e muito longa relação com o mundo da saúde, alguns dos seus amigos chamam a estes artigos “os comprimidos do Frei Bernardo”.

Dominicano até à medula, Frei Bernardo é um autêntico pregador. A sua homilética, tal como as suas intervenções incontáveis em mesas-redondas, seminários, congressos e outras reuniões públicas, é marcada pela contenção (em tempo e recursos oratórios), pela adequação às características de quem o escuta, pela fidelidade à missão e pelo optimismo. Dadivoso e disponível até às raias do excesso, Frei Bernardo aceita todas as tarefas que presume de utilidade pastoral; entende-se como prestador de serviços, e assim é que se desdobra como assistente de várias Equipas de casais de Nossa Senhora e das Associações profissionais dos enfermeiros e médicos católicos, a nível diocesano e mesmo a nível nacional (AMCP e ACEPS). A longa experiência no sector da saúde (como capelão e conselheiro de associações) leva-o aos estudos de ética médica e bioética e à sua colaboração como prelector em cursos de pós-graduação e de mestrado nestas áreas sensíveis, bem como o qualifica como membro da direcção do Gabinete de Investigação em Bioética (agora transformado em Instituto de Bioética) da Universidade Católica.

Bernardo Domingues nasceu a 13 de Maio de 1931 em Vilar, Terras do Bouro, em família numerosa e de fé. Um dos seus irmãos, todos o sabem, é o não menos conhecido Frei Bento Domingues, também dominicano, também autor prolífico. Como o irmão, sempre acreditou nos valores da liberdade e da justiça; como o seu mestre Mounier, sempre afirmou que “É a pessoa que se faz livre, depois de ter escolhido ser livre” e se resignou a aceitar que “A política não é tudo, mas está em tudo”. Por isso não encontrou ambiente favorável em épocas em que imperava o poder que, como o lembra o filósofo cristão, “é fatalmente corruptor e opressivo, seja qual for a sua estrutura”. Por isso viveu e trabalhou em Espanha, em França, na Irlanda e na Itália, nunca exilado nem distante. Quando regressou, manteve uma discreção total, nunca se vangloriando da condição de pretenso resistente, crítico ou opositor do regime. Só a dedicatória da sua obra maior, sobre Mounier, na qual se inscreve o nome de Francisco Sá Carneiro (com quem os temas do personalismo “foram ampla e vivamente debatidos”) desvenda a proximidade intelectual e afectiva com o fundador da social-democracia portuguesa e com o grupo de notáveis de que ele era motor e expoente.

Frei Bernardo é um sacerdote do nosso tempo e para o nosso tempo, o que significa que é intemporal. Para além de todas as qualidades intelectuais e humanas que este imperfeito esquisso não consegue reflectir, é um homem verdadeiramente humilde e amante da verdade (o que, no fundo, é a mesma coisa). Apaga-se, para que outros cresçam; nunca se

exibe nem se põe em bicos de pés; ama as coisas boas e simples da vida, preza a amizade, é fiel. A saúde do espírito e do corpo são-lhe valores com significado; em toda a sua obra aparece, recorrentemente, a palavra “sadia”, como que a caracterizá-la igualmente.

Tenho por mim que ao retratar uma personalidade, sempre o pintor ou o escritor se representa a si mesmo. Parece-me encontrar a mesma convicção no Frei Bernardo, ao referir o estudo de Mounier sobre Péguy: o objectivo é “atingir a alma”, o encontro é perfeito “porque foi uma autêntica comunhão”. Pois bem, eu diria que a “perfeita comunhão” do Frei Bernardo com Emmanuel Mounier retrata o nosso dominicano do modo mais completo, como pessoa entre o mundo e Deus, o Senhor da comunhão. De resto, e termino com uma citação do Frei Bernardo, “só se consegue um conhecimento perfeito na comunhão, que é partilha de intimidade, partilha de amizade, abertura de pessoas que se acolhem, reconhecem, estimam e estimulam”.

WALTER OSSWALD

## O tempo e a eternidade em Santo Agostinho e a sua influência no *Comentário* de Alberto Magno à *Física* de Aristóteles

### 1. Introdução

O escopo essencial deste artigo é de apresentar a concepção agustiniana do tempo e da eternidade, tendo em vista, num primeiro momento, desocultar as perspectivas filosóficas dos autores antigos, mais representativas.

Não iremos proceder aqui a uma exegese textual definitiva e completa sobre a maneira como Agostinho introduz os diversos materiais filosóficos, porque isso ultrapassaria largamente o âmbito deste artigo. Isso fará objecto de um estudo posterior sobre as fontes agustinianas e a sua respectiva demonstração. Ao contrário, tentaremos realçar os aspectos mais importantes de certas passagens do texto das *Confissões* e em seguida, mostrar os traços de união que interliga a concepção agustiniana projectada agora em certas concepções defendidas por alguns filósofos medievais, nomeadamente Alberto Magno. É precisamente aqui que se concentrará o nosso maior esforço, no sentido de inventariar e de apresentar novos elementos que constituem um passo importante na compreensão do contexto filosófico, em que se inscreve a teoria da temporalidade de Agostinho.

Com efeito, reconhece-se facilmente os paralelismos existentes e, até de uma certa maneira, a continuação da tradição filosófica ocidental, na forma como trata a questão do tempo, desde Platão, passando por